

Turnos Conversacionais e Sobreposição de Vozes: uma Proposta de Ensino para Trabalho com Oralidade em Sala de Aula¹

Elaine Cristina **FORTE-FERREIRA***

Vicente **LIMA-NETO****

¹ Este trabalho é um recorte da tese de Ferreira (2014).

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2014). Professora Doutora Adjunta IV da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA. Contato: elaine.forte@ufersa.edu.br

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2014). Professor Doutor Adjunto IV da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA. Contato: vicente.neto@ufersa.edu.br

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de evidenciar como as sobreposições de vozes podem ser configuradas em níveis de complexificação na interação durante a produção textual do gênero debate regrado em sala de aula e propor a aplicabilidade dos turnos conversacionais como categoria oral para o ensino da oralidade, por meio de atividade sobre assaltos ao turno. Para fundamentar esta pesquisa, apoiamos-nos em conceitos da Análise da Conversação, como os turnos conversacionais e as sobreposições de vozes (GALEMBECK, 1999; MARCUSCHI, 2003; PRETI, 1999; SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003; URBANO, 1999). A pesquisa, de natureza qualitativa, tem como participantes uma turma do 6º e uma turma do 7º ano do ensino fundamental de duas escolas de Fortaleza, Ceará. O processo de coleta de dados ocorreu a partir do registro em áudio e vídeo das produções textuais orais dos alunos, que foram transcritas segundo as normas do NURC (Norma Urbana Culta). Esses procedimentos propiciaram a construção de um *corpus* de 30 h/aulas. Para este trabalho, entretanto, recortamos do *corpus* apenas três aulas para demonstrar que existem pelo menos três níveis de sobreposição de vozes, que evoluem gradativamente da sobreposição inicial à avançada. Os dois últimos níveis se configuram, portanto, como assalto ao turno.

Palavras-chave:

Turnos conversacionais. Sobreposição de vozes. Ensino.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 26, n. 1, p. 119-133, abr. 2023

Recebido em: 15/01/2023

Aceito em: 17/03/2023

Turnos Conversacionais e Sobreposição de Vozes: uma Proposta de Ensino para Trabalho com Oralidade em Sala de Aula

Elaine Cristina Forte-Ferreira; Vicente Lima-Neto

1. INTRODUÇÃO

Em 1989, o Brasil ansiava por poder escolher, pela primeira vez após a ditadura, um presidente da República pelo voto direto. As redes abertas de televisão convidaram os candidatos a debater suas propostas numa sequência de debates, que começaram em julho e foram até novembro. Uma cena memorável aconteceu no 3º Encontro dos Presidenciais, realizado em 16 de outubro daquele ano, quando os então candidatos Leonel Brizola (PDT) e Paulo Maluf (PDS) trocaram farpas ao vivo, de maneira que o primeiro interveio na fala do segundo, gerando confusão e levando a mediação do debate a solicitar intervalo imediatamente. Trazemos o exemplo, pois ele evidencia o tema que estamos nos propondo a discutir aqui: as *sobreposições de vozes* e seus limites.

Desde as nossas mais simplórias ideias acerca do que significa conversação, temos em mente que ela é realizada por meio de um revezamento entre pessoas e que o momento de cada uma delas precisa ser respeitado. Esse movimento é o que tem sido chamado de troca de turnos (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003). Em tempos como os que temos vivido na última década no Brasil, em que a polarização política aumentou significativamente, levando a casos extremos de agressões físicas, parece ser mais do que necessário retomar esse tipo de discussão na academia, com fins de alcançar a escola: mais do que nunca, assumimos a relevância do empreendimento, para que nossos alunos entendam o complexo funcionamento de elementos típicos da conversação face a face e presente em praticamente todos os gêneros predominantemente orais que exigem troca de turnos, como os diferentes tipos de debates e de entrevistas. Lembramos também que essa temática já atravessa o eixo da oralidade da BNCC (BRASIL, 2017) desde o ensino fundamental I², mais então do que justificado trazer esse debate para a sala de aula.

Objetivamos, neste artigo, evidenciar como as sobreposições de vozes podem ser configuradas em níveis de complexificação na interação durante a produção textual do gênero debate regrado em sala de aula e propor a aplicabilidade dos turnos conversacionais como categoria oral para o ensino da oralidade, por meio de atividade sobre assaltos ao turno. Nossa tese aqui é a de que as sobreposições de vozes constituem, na verdade, um contínuo de categorias que oscila entre o que é mais ou menos aceito durante uma interação no gênero debate regrado.

Organizamos este trabalho em cinco momentos, além destas considerações iniciais e das finais: no subtópico *Do lugar de fala*, expomos as bases teóricas que amparam este estudo; depois, *Dos turnos conversacionais*, direcionamos nossa atenção para os conceitos sobre os quais nos debruçamos; em *Da metodologia*, descrevemos o *corpus* da pesquisa e a operacionalização com os dados; em *Do contínuo das sobreposições*, discutimos os dados, demonstrando a argumentação para sustentar nossa tese e, por fim, apresentamos uma proposta de aplicabilidade com atividade sobre assaltos ao turno.

² A habilidade EF15LP11, do ensino de língua portuguesa do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental é a primeira que traz o trabalho com os turnos de fala, o que será estendido, em modelo de conhecimento em espiral, até o 7º ano do Ensino Fundamental.

2. DO LUGAR DE FALA

São variadas as vertentes de trabalho quando se busca investigar as interações humanas. Kerbrat-Orecchioni (2006) aponta que, na verdade, o que se tem é uma análise das conversações, uma vez que essa seara do conhecimento, que remonta aos anos 1970, é transdisciplinar por natureza:

[...] a análise das conversações relacionou-se, parcialmente, com as seguintes disciplinas: psicologia social e psicologia interacionista; microssociologia, sociologia cognitiva, sociologia da linguagem, sociolinguística; linguística, dialetologia (particularmente a urbana), estudos do folclore, filosofia da linguagem; etnolinguística, etnografia, antropologia, cinésica, etologia das comunicações [...] (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 17).

Vê-se, portanto, que se trata de uma seara bastante versátil, com diálogos com diferentes disciplinas das ciências humanas. No Brasil, trabalhos como os de Garcez (2008) e de Marega e Jung (2011) lançam luzes sobre as diferenças entre as duas principais correntes que estudam a conversa: a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) e a Análise da Conversação (AC), no que tange aos campos teóricos e metodológicos. No que diz respeito à ACE, seu foco está em realizar a descrição dos procedimentos utilizados pelos interlocutores tanto no que se relaciona ao comportamento de quem efetua a conversa quanto à compreensão de como proceder com o comportamento dos demais integrantes da interação. A atenção não estaria, assim, centrada “na linguagem em si, na sua descrição, mas na articulação dos métodos de ação social humana (análise da conversa socialmente organizada) segundo a perspectiva dos participantes, o que se fala e como se fala.” (MAREGA; JUNG, 2011, p. 322-323).

Em relação à AC, os autores destacam ainda que ela tem como grande expoente, no Brasil, o professor Marcuschi (2003), e está voltada para a descrição do texto falado e para as questões que envolvem a passagem da modalidade falada para a escrita.

Frazão e Lima (2017) retomam o discurso já empreendido por Garcez (2008) sobre a AC e sugerem que essa abordagem teórico-metodológica iniciada por Marcuschi pode ser denominada de *Análise da Conversação Textual e Discursiva* (doravante ACTD), que desloca “o foco de interesse dos pesquisadores para o estudo dos mecanismos linguísticos e paralinguísticos envolvidos na produção do texto falado” (FRAZÃO; LIMA, 2017, p. 627). Essa linha de investigação desvela princípios teórico-metodológicos da Linguística de Texto³, da Sociolinguística Interacional, da Análise do Discurso, combinados com a abordagem etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003)⁴, constituindo também o que Leite e Negreiros (2014) caracterizaram como “AC Brasileira”.

Nos últimos anos, outros casamentos teóricos vêm se desenvolvendo, como com os Novos Estudos do Letramento (OSTERMANN; PEROBELLI, 2020) e com a Multimodalidade (CRUZ *et al.*, 2019; FORTE-FERREIRA; SOARES; LIMA-NETO, 2021), além de naturalmente ter vínculos bastante afinados com a Linguística de Texto, em cuja intersecção temos nos inserido.

Em suma, é deste lugar de fala que assumimos nossos posicionamentos, envolvidos nos baldrames enunciativos da linguagem (VOLÓCHINOV, 2018), a partir dos quais passamos a refinar as concepções de turnos conversacionais e sobreposição de vozes, sobre os quais nos debruçamos agora.

3. DOS TURNOS CONVERSACIONAIS

Janson (2015), ao estudar a origem das línguas, hipotetiza vincular a fala ao surgimento das primeiras ferramentas, há dois milhões de anos. Supõe-se que, para a fabricação de ferramentas, foi necessária uma

³ Na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), há inclusive um Grupo de Trabalho intitulado *Linguística de Texto e Análise da Conversação* desde 2013.

⁴ Utilizamos a versão traduzida deste artigo, publicada em 2003 na revista *Veredas*, disponível em www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo14.pdf, mas a data original de publicação é de 1974.

mínima interação entre nossos ancestrais, em busca da funcionalidade desses objetos. Eis, então, uma primeira possibilidade dos usos de turnos conversacionais, que estão nos fundamentos da comunicação humana. Embora estudados nas ciências da linguagem há pouco mais de quarenta anos, com Sacks, Schegloff e Jefferson (2003), pode ser que os turnos estejam há milhões de anos estruturando a conversação humana. Aqui, os turnos são entendidos como “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão” (GALEMBECK, 1999, p. 60).

Ao realizar suas ponderações sobre turno, Galembeck (1999) o compreende por uma intervenção, seja ela qual for, realizada por cada um dos participantes que participam de uma conversação.

A idéia de turno – de acordo com o senso comum – está ligada às várias situações em que os membros de um grupo se alternam ou se sucedem na consecução de um objetivo comum ou numa disputa: jogo de xadrez, corrida de revezamento, mesa-redonda. Em todas essas situações, cada participante dispõe, para a consecução de sua tarefa, de um período de tempo (fixo ou não), o qual vem a constituir um turno. (GALEMBECK, 1999, p. 60).

Inferimos, então, que um falante está de posse do turno quando ele tem à sua disposição um tempo, determinado ou não, para falar acerca de um assunto. Resumidamente, durante a produção de um gênero predominantemente oral, como a conversa cotidiana, temos consciência de que ela se dá por meio da alternância de interlocutores, os quais decidem discutir ou falar sobre um determinado tópico discursivo, e, sendo assim, cada um terá sua vez de falar ou o seu direito ao turno. Em um debate regrado, gênero utilizado para a presente reflexão, o princípio de alternância é basicamente este, tendo em consideração que existem alguns elementos característicos e algumas regras específicas do gênero. Em suma, turno seria o momento de fala de cada participante ou a intervenção que o falante efetua em um espaço de tempo, o qual pode ser estabelecido ou não (FERREIRA, 2014). Entretanto, o fato da não predeterminação do tempo que o interlocutor tem disponível em uma conversa não significa que seja adequado tomar posse indevidamente do turno de outro participante, quando pode haver sobreposição de vozes.

4. SOBREPOSIÇÃO DE VOZES

Ao descreverem sistematicamente a conversa, Sacks, Schegloff e Jefferson (2003) propõem que a tomada de turnos se constitui de um conjunto de regras e de dois componentes elementares: o *componente de construção do turno* (doravante CCT), que pode corresponder a “unidades, como sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais ou recursos prosódicos”. (MAREGA; JUNG, 2011, p. 323); e o *componente de alocação de turno* (CAT), que diz respeito ao momento em que o turno é alocado para outro participante.

No que diz respeito ao CCT, temos duas noções elementares: a *projetabilidade*, a qual está atrelada ao ato de os interlocutores terem a percepção do momento de finalização do turno em curso, e o *lugar relevante para transição* (LRT), que compreende o lugar de finalização de uma unidade, no qual o interlocutor percebe que este constitui um momento possível de transição de turno para que assim seja possível se inserir na situação com a sua própria fala. Esta é uma categoria importante, que pode estabelecer os limites da aceitabilidade entre trocas de turnos pelos interlocutores.

Vejamos, na próxima página, como essas categorias são operacionalizáveis, retomando o exemplo do debate do início deste texto, entre os presidentiáveis Paulo Maluf e Leonel Brizola⁵:

⁵ A discussão inicia em 50:08 do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ME42kd-2wOE&t=3052s>. Acesso em: 25 set. 2022.

Figura 1 - Paulo Maluf e Leonel Brizola em debate.



Fonte: 3º Encontro... (1989).

[...]

1. **Maluf:** *Quem é candidato não pode ser candidato a presidente da república [risadas da plateia]
Então, o que eu penso... eu faço um apelo... nós temos com dez, doze, quinze milhões de pessoas nos ouvindo*
2. **Brizola:** *[o senhor me dá uma parte... me dá licença, uma parte]*
3. **Maluf:** *Não lhe dou a parte, porque eu tenho esse minuto... não lhe dou a parte*
4. **Brizola:** *[[Inaudível] não pode dar a parte]*
5. **Maluf:** *Não lhe dou a parte... não dou... não lhe dou a parte...*
6. **Brizola:** *Não dá porque não PODE*

É possível ver a *projetabilidade*, por parte de Brizola, na linha 2: o político se sente ofendido por Paulo Maluf e pede a palavra, o que é negado veementemente na linha 3. Embora Brizola tivesse visto ali um espaço de possibilidade de iniciar seu turno, houve uma sanção no trato comunicativo – a de ser repudiado –, o que corrobora a ideia de que sua percepção sobre a projetabilidade não foi adequada. Em 4, Brizola insiste, mesmo sabendo que ainda o LRT era impróprio. Eis aqui um bom exemplo de sobreposição de vozes: ao insistir num LRT inexistente, Brizola quebra o raciocínio de seu opositor, que muda o seu tópico e inclusive o seu interlocutor – uma vez que, até então, Maluf falava para o público e não para seu adversário político – e parte para outros ataques agora direcionando suas palavras a Brizola. O LRT, portanto, acaba por não acontecer, uma vez que ambos são interrompidos pela mediadora do debate quase um minuto depois.

Sacks, Schegloff e Jefferson (2003) não se utilizam do termo *assalto ao turno*, utilizado por outros autores, como Freitag e Santana (2019) e por Preti (1999), a quem recorreremos agora:

Sobreposição de vozes: situação de comunicação em que, por alguns segundos, ocorrem falas simultâneas, que indicam grande envolvimento dos interlocutores, até que um deles desista e o outro permaneça definitivamente com a posse do turno. (PRETI, 1999, p. 234-235).

Assalto ao turno: caso de troca de falantes em que a intervenção do ouvinte não foi solicitada ou consentida. Neste acaso, o ouvinte “invade” o turno do falante fora de um lugar relevante para transição. (PRETI, 1999, p. 229).

Consideramos que assalto ao turno é uma tomada de turno vista como sobreposição indevida em um momento não propício. É o caso de Brizola, que assalta o turno de Maluf, o qual não se dá por vencido. O assalto ao turno é uma tomada não requerida, podendo ser considerada como invasiva. Isso nos lembra que é preciso considerar “a universalidade empírica da regra *‘fala um de cada vez’*”, da qual se refere Marcuschi (2003, p. 17). Explanados os conceitos fundamentais, passemos à metodologia da pesquisa.

5. METODOLOGIA

Acerca do universo da pesquisa, ele é constituído por uma sala de aula do 7º ano do ensino fundamental (Escola 1), com 25 discentes, e uma do 6º ano do ensino fundamental (Escola 2), com 30 discentes, ambas de Fortaleza, Ceará. A escolha é justificada por ser nessa fase que, em geral, os livros didáticos começam a trazer conteúdo que aborda os gêneros e principalmente por ser nela que gêneros opinativos começam a ganhar espaço, como o debate. A identificação dos participantes se deu com a sigla ALUNO+00X+MT/STA, onde: ALUNO (A) + 001, que indica o gênero e o número do(a) aluno(a), e MT ou STA indicam as siglas das duas escolas onde ocorreram a pesquisa.

O *corpus* da pesquisa é constituído da gravação, em áudio e vídeo, dos textos orais produzidos pelos participantes, ao longo de três meses, além dos registros em diário de campo, totalizando 30 h/a de material (FERREIRA, 2014). Utilizamos também *softwares* específicos para a edição dos vídeos. Todas as filmagens foram gravadas no *notebook*, em mídia de DVD e em HD externo⁶.

Quanto aos procedimentos metodológicos, primeiramente, ministramos aula sobre gêneros, em que discorremos sobre como eles são caracterizados e como se diferenciam dos textos⁷, e apresentamos o passo a passo para a realização de um debate regrado, entendido aqui como gênero. Em seguida, solicitamos que os alunos preparassem o debate, com base no conteúdo da aula ministrada, para apresentarem na próxima aula. Para essa realização, lançamos uma temática, que foi *traição*. Para suscitar a discussão, citamos a traição realizada pela atriz Kristen Stewart, flagrada traindo o namorado, então o ator Robert Pattinson, com o diretor do filme que ela estava gravando à época, *Branca de Neve e o Caçador*. A escolha da temática surgiu a partir da percepção da pesquisadora, em união com as professoras das turmas, que perceberam interesse dos jovens pelos dois atores hollywoodianos, à época tidos como um casal perfeito na ficção e na vida real, aos olhos dos alunos.

Com isso, exibimos dois vídeos, um com debate entre adolescentes que ficaram a favor e contra a traição, realizado e exibido pela revista televisiva *Fantástico*, da Rede Globo⁸, e outro que anunciava o ocorrido entre os jovens atores. As orientações levaram em conta montar dois grupos – um contrário e outro favorável à tese de que houve traição –, escolher o mediador e ajustar as regras de tempo de fala de cada participante. Foi disponibilizada uma semana para a preparação desse debate. Os/as participantes foram instruídos a mobilizar os seus pontos de vista sobre a temática e trazê-los para a aula seguinte. O próximo subtópico trará a análise de trechos de apenas dois desses debates, que foram transcritos de acordo com as normas do Projeto Norma Urbana Culta - NURC⁹ (PRETI, 1999).

6. DO CONTÍNUO DAS SOBREPOSIÇÕES

A tese que defendemos neste trabalho é a de que as sobreposições de vozes apresentam níveis de gradação, as quais podem ir de sobreposições breves a longas, sendo as últimas denominadas assaltos ao turno. Os três níveis gradativos para as sobreposições que estabelecemos são: **inicial**, **intermediário** e **avançado**. No curso da análise, explanamos como cada uma delas se caracteriza.

6.1. Níveis de sobreposição: inicial

Observemos, na próxima página, os seguintes excertos:

⁶ Esta pesquisa teve autorização para ser realizada após ter um parecer consubstanciado de nº 153.757, pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁷ Assumimos gênero como um artefato sociosemiótico, interacional, histórico e cultural da linguagem (BEZERRA, 2022), que está diretamente ligada ao texto, enquanto elemento material, construído em cada situação de enunciação, que se efetiva a partir das convenções de um gênero.

⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2064237/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

⁹ Mais informações do Projeto Norma Urbana Culta podem ser encontradas em <https://nurc.fflch.usp.br>

Aluno 0022MT: ()... a (questão) que eu vi que ninguém disse ainda () negócio das fotos... podia ser uma montagem as fotos...

Aluna 0023MT: porque tipo assim ninguém sabe o que foi que aconteceu assim entre eles dois... ninguém sabe da vida deles... ninguém tem uma prova...

Aluna 0022MT: ninguém tem uma prova concreta... concreta...

Aluna 0023MT: real que ninguém sabe que foi verdade... se ele já traiu ela... se ela já traiu ele... ninguém sabe se é verdade... apenas apareceu essas fotos do nada sem saber...

Aluna 0022MT: ninguém sabe se é a história por trás das fotos...

Neste exemplo do debate sobre a temática traição, existem dois interlocutores, 0022STA e 0023STA, que efetuam sobreposições, mas elas ocorrem de uma forma cooperativa com o turno um do outro. Neste excerto, podemos observar sobreposições breves, realizadas em momentos oportunos, que contribuíram para a construção de sentido do debate realizado entre os participantes da pesquisa. Temos aqui um aparente LRT, pela presença da cooperação e noção de coletividade existente entre os debatedores. Não se trata de um assalto propriamente dito, que é caracterizado, por Preti (1999), como uma intervenção não solicitada ou consentida. Aqui, embora ela não tenha sido solicitada, ela foi consentida, a tese é sustentada, embora pelos mesmos argumentos, por duas vezes que se sobrepõem e consentem.

Veja, portanto, que o primeiro nível se caracteriza por apresentar sobreposições breves, aceitáveis para este gênero em questão e têm aparente LRT. Assim, é possível observar os níveis de sobreposição, que, nesse caso, contribuíram para a realização da construção dos argumentos do debate, e isso pode ser assegurado pelo mesmo fato de alguém se dispor a corroborar a ideia que foi repassada por outrem, como fizeram 0022STA e 0023STA durante seus turnos ao demonstrarem a concretização de uma ideia que foi coconstruída. A seguir, demonstraremos o exemplo do nível intermediário.

6.2. Níveis de sobreposição: intermediário

No nível intermediário, analisamos os trechos que seguem. Vejamos:

1. Aluno 004STA: *o Caio disse que poderia também ser por causa da mídia... mas nem sempre as pessoas que vão assistir o filme... vão querer por causa disso... tipo assim meu tio proibiu a filha dele de dezesseis anos de assistir o filme porque tinha ocorrido isso com os atores... ele não gostou e proibiu de ter assistido o filme a filha dele*
2. Aluno 006STA: *posso dizer?*
3. Aluno 004STA: *do mesmo modo como meu irmão proibiu a filha dele também*
4. Aluno 006STA: *posso falar? é::*
5. Aluno 004STA: *nem sempre (ocorre isso)*
6. Aluno 006STA: *agora... como o (Felipe) disse... eles () é:: não deixaram... mas se a gente (tivesse assistido esse vídeo antes)*
7. Aluno 004STA: *não... mas pode ocorrer o caso das pessoas não ()*
8. Aluno 006STA: *deixa eu falar*
9. Aluno 004STA: *tô deixando*
10. Aluno 006STA: *ô... as pessoas (vão querer ver o filme) pra:: ver como é que é () no filme se eles fizeram (agiram) diferente*
11. Aluna 007STA: *Mas uma coisa que eles não fizeram juntos... não () eles não atuaram ((risos))... não*

atuaram... não... mas existe... EXISTE uma proibição até de muitos pais... porque muitos acham que... ah eu vou... minha filha vai ter um mal exemplo indo ver essa menina que fica se agarrando em público com o diretor do filme... traindo o namorado

12. Aluno 006STA: *sim mas*

13. Aluna 0013STA: *deixa eu falar*

14. Aluno 006STA: *é rápido... é rápido... essas pessoas que:: os pais não deixaram... elas podem... e se elas quiserem assistir mesmo algum dia... elas... escondido pode (assistir) o filme sem a autorização do pai*

15. Aluna 007STA: *sim... eu sei... mas aí é:: elas tão falando do marketing... aí já é... já no comecinho da estreia do filme... para ter um maior dinheiro... pra quando as pessoas fossem assistir no cinema... ah lançou pronto*

16. *((alguns alunos falam ao mesmo tempo))*

17. Aluno 004STA: *como a Fabiana falou... tipo assim... o problema ((muito barulho))... como a Fabiana falou... eles podia por causa que era no começo do filme... mas num tem nada a ver só por causa do começo do filme eles querem fazer isso pra ganhar dinheiro... aí tipo assim ele declarou a verdade e do jeito que foi... ela já deu outra versão de outro modo que foi... aí não sabe qual dos dois estão falando a verdade... mas teve um dos dois... tenha... um pouco de culpa... ele também teve porque já houve alguns boatos do próprio Robert ter traído ela com outra atriz do filme que ele fez Crepúsculo... o primeiro*

18. Aluno 006STA: *pois é... (pode)*

19. Aluno 0013STA: *e também... tia... pode ter ocorrido isso que a Amanda falou da traição () e ela pode também ter brigado com ele... né... tem (duas) possibilidades dele ter traído ela ou então eles terem uma briga e ela pra se vingar ficou com o diretor do filme que ela tava fazendo... pode ter acontecido isso... né?*

É notório que, da linha número 1 até a linha 10, as sobreposições são realizadas por 004STA e o 006STA. Esses dois participantes travam uma sequência de sobreposições problemáticas, pois é perceptível uma sucessão de tentativas de o aluno 006STA manifestar sua opinião. Nas linhas 2 e 4, por exemplo, temos a ordem das seguintes colocações deste aluno: “*posso dizer?*”; “*posso falar? é?*”. Apenas na linha 6, ele consegue aproveitar o LRT para expor seu ponto de vista, o qual não teve como concluir porque o aluno 004STA assaltou o seu turno. Logo após, o aluno 006STA manifesta aborrecimento ao exteriorizar o pedido: “*deixa eu falar*”, solicitação que tem como resposta “*tó deixando*”, manifestada com um tom de ironia por 004STA saber que, de alguma forma, está interferindo na conclusão do raciocínio de seu colega.

Não estamos aqui com objetivo de defender a posição de um ou de outro debatedor(a), mas sim mostrar que as intervenções durante os turnos, que causam sobreposições longas, podem ser prejudiciais para a elaboração de um debate. Observemos que os assaltos foram tão recorrentes que um dos interlocutores chegou a praticamente implorar o direito ao turno quando ainda deveria ser seu ao dizer “*posso falar? é::*” (linha 4); “*deixa eu falar*” (linha 8). As colocações confirmam que essa falta de respeito ao turno causou uma quebra das regras necessárias para o pleno funcionamento do debate regrado, gênero que requer atenção e respeito ao turno concedido a cada um dos debatedores.

Embora os dois tenham realizado assaltos aos turnos um do outro, consideramos esse exemplo um caso de nível intermediário pelo fato de nenhum deles ter deixado o raciocínio se esvaír, uma vez que cada um conseguiu concluir a ideia pretendida. Na ordem da discussão, a aluna 007STA utiliza-se de uma prática social para fortalecer seu argumento, o qual foi quase revidado, nesse momento, por 006STA (linha 12). Afirmamos que quase foi revidado pelo fato de a aluna 0013STA cometer um assalto ao turno de seu colega 006STA, que, com isso, teve seu turno suspenso novamente, mas, dessa vez, por outra pessoa.

Entretanto, o aluno não atende à solicitação de sua colega ao responder “*é rápido... é rápido... essas pessoas que: os pais não deixaram... elas podem... e se elas quiserem assistir mesmo algum dia... elas... escondido pode (assistir) o filme sem a autorização do pai?*”. Ao afirmar que falará seu argumento rapidamente, este discente demonstra receio em perder, mais uma vez, o domínio da palavra. Com essa ação, 006STA consegue apresentar seu posicionamento em relação ao argumento de 007STA. Esta aluna conseqüentemente expõe seu contra-argumento à ideia do colega, contudo, os demais interlocutores não respeitam o momento de fala que, nesse instante, deveria ser apenas dela.

Por superar todas as vozes que pairavam na sala de aula, 004STA efetua uma tomada de turno e, com isso, faz uma colocação importante, na linha 17. Pensamos que, pelo fato de haver muito barulho, isso tenha contribuído para que a aluna não tenha organizado as informações acima, pois, como podemos perceber, as ideias eram pertinentes para os argumentos apresentados pelos participantes, porém o planejamento das ideias não foi realizado a contento e, em um debate, os interlocutores devem ser precisos e objetivos em suas colocações.

Por fim, o aluno 006STA mostra concordância em relação a este argumento de 004STA, e a aluna 0013STA, que tinha pedido ao aluno 006STA o direito de falar, na linha 13, quando disse: “*deixa eu falar*”, só consegue reaver seu turno na linha 19, momento em que tem a oportunidade de retomar e/ou de iniciar seu turno, já que, naquela ocasião, ela nem chegou a apresentar sua tese.

Queremos enfatizar com essas reflexões que esses assaltos, embora prejudiciais à elaboração do debate nos excertos destacados acima, não foram suficientes a ponto de dissipar as ideias que os/as discentes pretendiam expor, e é por isso que consideramos esses casos como pertencentes ao nível intermediário das sobreposições. Vejamos mais um exemplo.

6.3. Níveis de sobreposição: avançado – e problemático

Observemos o excerto abaixo:

1. Aluna 007STA: *mas assim certo a gente necessita do dinheiro muíTO porque sem o dinheiro a gente não vai sobreviver... mas o mundo não gira em torno do dinheiro... eu acho que se ela fez isso por marketing ou pela questão financeira... isso é sinal que o dinheiro e o marketing é mais importante do que ele pra ela... então se isso é: verdade então é sinal que ela... ela não ama ele*
2. Aluno 005STA: *embora que*
3. Aluna 007STA: *pronto... bem melhor do que ela tá fazendo isso ela chegar... conversar... não... acabou... tudo bem... feliz ((risos dos alunos))*
4. Aluna 0013STA: *e... tia... assim acontece como () algumas pessoas disseram boatos... ((muito barulho)) Caio... cala a boca... eu quero falar agora... alguns boatos que dizem que ele ficou com a menina e tudo... aí ninguém falou nada... aí quando é ela todo mundo fala... também tem outra coisa... né... Caio... dinheiro traz felicidade... mas só traz felicidade pras coisas boas... (tá entendendo?)*
5. Aluno 006STA: *pois é... como eu disse... que nem todos... nem todos é::*
6. *((barulho)) psiu:::::*
7. Aluno 006STA: *POSSO TERMINAR DE FALAR? POSSO?*
8. *((risos)) ((todos falam ao mesmo tempo))*

Neste excerto, temos exemplos de assaltos ao turno. Na linha 1, a aluna parece finalizar seu turno e, talvez achar que há um LRT, o aluno 005STA inicia sua fala, porém, a aluna 007STA invade o turno de seu colega (linha 3) provavelmente sem perceber que ele tinha começado a apresentar seu argumento. Temos essas informações a partir do acesso à gravação do vídeo, pois, ao olharmos apenas as transcrições, não temos como perceber esses detalhes que são fundamentais para a compreensão do contexto. Todavia, esse assalto, cometido pela debatedora, não foi uma simples sobreposição, pois o aluno 005STA, após essa atitude de 007STA, não tomou mais a palavra para contra-argumentar esse argumento apresentado pela aluna, ou seja, ele não recuperou o turno a tempo de organizar as ideias para apresentá-las. Quando ele conseguiu espaço para falar, embora a temática fosse a mesma, o tópico discursivo já não era o mesmo.

Os dados mostram que essa reação de não tentar reaver o turno, nesse momento, deve-se ao fato de este interlocutor ter perdido o fio argumentativo e, dessa forma, suas ideias podem ter esvaecido, pois ele continuou participando do debate, mas sem proferir argumentos sobre esse tópico. Uma hipótese para isso ter acontecido pode estar relacionado ao fato de não terem concedido espaço ao discente, mas também possivelmente por ele

ter perdido a linha de raciocínio, opção também plausível, a nosso ver, devido à participação ativa deste aluno no decorrer do debate.

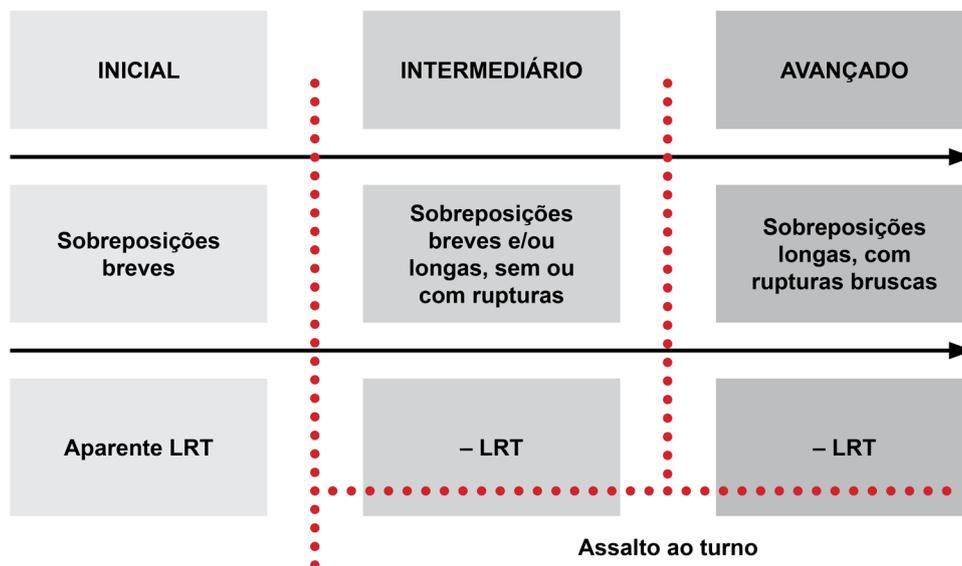
Na continuidade do debate, no intuito de reclamar a falta de silêncio de seus colegas e de alguns colegas da turma, a aluna 0013STA diz: “e... tia... assim acontece como () algumas pessoas disseram boatos... ((muito barulho)) Caio... cala a boca... eu quero falar agora... [...]”. Essa colocação demonstra como os ânimos dos participantes estavam naquele momento, pois a aluna que tentava ter o domínio do turno trata seu colega, que atrapalhava seu turno, de forma agressiva e acaba sendo desrespeitosa.

Essas atitudes, a nosso ver, são danosas não só porque prejudicam a construção da argumentação ou porque ferem princípios da situação na qual esses interlocutores encontram-se inseridos, mas principalmente por ser uma questão de desrespeito ao outro. Isso tende a causar graves prejuízos a qualquer atividade de desenvolvimento educativo e intelectual. Por isso, consideramos esse exemplo um caso em que as sobreposições chegam a tamanhas proporções que podem ser consideradas avançadas e difíceis de reverter e contornar.

Ao fim dessa etapa, o aluno 006STA diz: “pois é... como eu disse... que nem todos... nem todos é:”. Não obstante, como forma de revidar o barulho da turma e principalmente ao que 0013STA ordenou, o debatedor dá firmeza ao seu tom de voz ao falar “*POSSO TERMINAR DE FALAR? POSSO?*”. Temos, com este exemplo, situações de desrespeito que podem causar não apenas rupturas de raciocínio do falante da vez, mas também bloquear a participação de alunos e alunas quando tiverem de realizar produções orais em outras situações, principalmente quem é tímido por natureza. Momentos como esse podem ter uma repercussão negativa na vida desses discentes, o que não foi o caso do aluno 006STA, que, por não ser respeitado, apresentou uma tendência a replicar a ordem ofensiva.

Em suma, em nossa análise, investigamos os turnos conversacionais em níveis de sobreposição que podem se configurar como tomada de turno indevida ou assalto ao turno. Para isso, selecionamos uma amostra do nosso *corpus* que permitiu constatar que os assaltos aos turnos, típicos de alguns gêneros orais, podem ser prejudiciais à construção do debate regrado. O gráfico acerca de nossas reflexões resume os entraves encontrados no que concerne aos assaltos ao turno durante a produção do gênero em questão.

Gráfico 1 - Graus de sobreposições.



Fonte: com adaptações, Ferreira (2014).

Conforme salientamos, o fenômeno de sobreposição apresenta, a nosso ver, uma escalaridade, com níveis de gradação que tendem a variar de sobreposições breves a longas; estas últimas de natureza mais problemática em gêneros orais formais e públicos, como é o caso do debate regrado. Consideramos, portanto, três níveis gradativos para as sobreposições: **inicial**, que se caracteriza por apresentar sobreposições breves,

aceitáveis para o gênero debate por serem de ocorrência natural na oralidade, e sem ruptura de raciocínio do falante em curso; **intermediário**, que se pode apresentar sobreposições breves ou longas, sem ou com rupturas do raciocínio de outrem. A depender do contexto, podem ser aceitáveis se não causarem prejuízos à construção de sentido e de raciocínio do interlocutor que tem o turno no momento; e **avançado**, cujas sobreposições são longas e com rupturas de raciocínio do falante da vez. Estes dois últimos também são caracterizados por serem assaltos ao turno, já que não apresentam um LRT.

É fundamental destacar que temos plena consciência de que essa categoria oral é própria dos textos orais e que, portanto, é da natureza da oralidade falar ao mesmo tempo que o outro, contudo, se ela for ensinada em atividades sistemáticas em sala de aula, podem dirimir a imagem de problemáticas ou caóticas enquanto constituintes da oralidade.

É preciso ressaltar que, para além da intervenção de um interlocutor que não foi requerida e, muito menos, consentida, a não existência de um lugar relevante para a transição (LRT) favorece a caracterização da tomada de turno que consideramos como assalto ao turno. Sendo assim, o sinal de – para LRT indica, em nosso gráfico, que a sobreposição ocorreu em um lugar nada propício. Já o aparente LRT indica que também não há um lugar relevante para transição, mas as tomadas não se configuram, nesse caso, como assalto ao turno porque as sobreposições podem ocorrer pelo simples fato de o interlocutor, responsável pela sobreposição, não ter noção de *projetabilidade* ou ter o intuito de cooperar para a consecução da interação.

7. PROPOSTA PARA APLICABILIDADE EM SALA DE AULA - *TURNO CONVERSACIONAL*

A proposta que ora apresentamos está organizada da seguinte forma: são quatro colunas, divididas em: *entrate*; *a atividade: o que fazer, como proceder, para quê*. A primeira mostra qual é o entrate encontrado na sala de aula. Depois, mostramos resumidamente o que pode ser feito. A terceira coluna mostra as instruções metodológicas da atividade; por fim, mostra-se o objetivo da proposta.

Esta atividade em específico foi proposta para ser desenvolvida em cinco etapas, em pelo menos cinco aulas. O público-alvo é o ensino fundamental II, período em que se tem discussões sobre gêneros argumentativos, tomadas de posição e defesas de ponto de vista, cenário para produção de debates variados. Vejamos:

Quadro 1 - Atividades sobre assaltos ao turno.

Entrate: Assalto ao turno	A atividade: O que fazer?	Instruções do passo a passo: Como proceder?	Objetivo: Para quê?
1ª. Etapa Introdução ao tema – <i>percepção do discente sobre como a tomada de turnos é algo que se realiza com frequência, mas o assalto ao turno pode ser evitado.</i>	Abordar os conceitos de turnos, sobreposições de vozes, assaltos ao turno e LRT, com fins do ensino da oralidade e, com isso, demonstrar a importância de conhecer o papel que esses recursos podem desempenhar em um debate regrado ao dominarmos o que é o turno.	Levar exemplos em que seja possível mostrar o momento que cada interlocutor tem direito à fala. Podem ser seminários, entrevistas, defesas de TCC ou tribunal de um júri. É importante aqui mostrar gêneros em que não necessariamente há espaço para combate, para que os discentes percebam os LRTs.	O objetivo é o de instrumentalizar os alunos acerca dos conceitos mencionados para que possam ter a desenvoltura necessária no momento de produção de gêneros, como o debate regrado ou de qualquer outra produção de gêneros orais, formais e públicos que demandem o uso corriqueiro desses recursos, que são oriundos dos turnos.
2ª. Etapa Polemização – <i>evidenciar a importância de respeitar o momento de fala dos interlocutores.</i>	Suscitar discussão com situações cotidianas de utilização da fala, como questionar se todos escutam	Exibir exemplos de interações em que as pessoas não dão direito de fala aos seus interlocutores e, com isso,	Trabalhar a questão do respeito ao momento de fala do outro a partir de vídeos, para estimular a discussão.

Continua

	o colega enquanto ele fala ou se eles esperam o colega terminar de falar para poder começar a emitir opinião em sala de aula.	quebra-se raciocínio, troca-se de turno, e a interação é comprometida. No Brasil, debates políticos ou alguns programas de auditório são bons exemplos para serem explanados.	
3ª. Etapa Sanções – <i>mostrar que o desrespeito às convenções do gênero e aos turnos conversacionais causam prejuízos à interação.</i>	Discutir com os alunos as possíveis sanções para quem quebra as regras estabelecidas para a plena interação no debate e os prejuízos causados a quem tem seu turno invadido (no sentido de assaltado).	Apresentar exemplares de interações em que há sanção para quem comete rupturas das regras estabelecidas no gênero. Nos debates, por exemplo, uma das sanções é cortar o microfone de quem cometeu alguma dessas quebras. Nos tribunais jurídicos, há sanção por parte do juiz, ameaçando retirada do recinto. Nos programas televisivos, a própria sociedade faz chacota daquele que não respeita o turno alheio. A partir desses vídeos, é interessante iniciar uma discussão sobre alguns tipos de comportamento e como eles podem ser prejudiciais a quem tem o momento de fala interrompido.	Mostrar as possíveis sanções para quem quebrar as regras estabelecidas ao ultrapassar o tempo estabelecido, cometer assaltos aos turnos e agressões aos participantes da interação e enfatizar que atitudes como essas podem prejudicar a construção de sentido ou a formulação de argumentos, por exemplo.
4ª. Etapa Produção – <i>elaborar o gênero em pauta.</i>	Propor a produção de um debate regrado.	Escolher uma temática polêmica, que gera discussões sociais, organizar a turma em dois grandes grupos, que sustentem posições antagônicas, solicitar que os grupos se subdividam e organizem argumentos que sustentem a tese que defenderão no debate. Sugerir que um aluno seja o mediador. Dar um espaço de tempo – não mais que uma semana – de acordo com a disposição da turma, para a preparação do debate. Esse debate pode ser gravado, em áudio e/ou em vídeo, e disponibilizado em plataformas digitais da escola, da turma ou de algum projeto pedagógico, para que, na próxima etapa, seja analisado pela própria turma.	Mostrar aos alunos como os conceitos são utilizados na prática, desejando que percebam que as sobreposições podem existir, mas não a ponto de tomar indevidamente o turno alheio.
5ª. Etapa Reflexão – <i>exibir sobre a própria produção.</i>	Apresentar o debate produzido pelos alunos para que eles possam analisar se	Retomar os conceitos apresentados desde o primeiro dia de aula para fazer com que	Para evidenciar na prática os conceitos que trabalhamos no decorrer das aulas anteriores

	realizaram sobreposições de vozes e os assaltos ao turno no debate.	os alunos identifiquem se realizaram ou não sobreposições de vozes e assaltos ao turno, atentando para as regras que eles próprios elaboram para o debate que produziram.	e, assim, fazer com que possam fazer uma análise das próprias interações a partir dos recursos que envolvem os turnos em um debate regrado.
6ª. Etapa Nova produção – elaboração de outro debate com base nas reflexões geradas pela etapa anterior.	Produzir outro debate com base no que foi discutido na etapa anterior.	Produção do gênero debate regrado, retomando as mesmas regras elaboradas anteriormente.	A nova produção tem o objetivo de proporcionar uma produção com um novo olhar acerca do que deve e não deve aparecer em um debate.
7ª. Etapa Retomada e revisão – reflexão sobre os conceitos e a aplicabilidade da atividade.	Finalizar com a retomada do propósito da atividade, que é amenizar os assaltos aos turnos.	Retomar o que foi discutido nas outras etapas para mostrar como os assaltos aos turnos causam danos à construção da argumentação. Além disso, os assaltos são uma falta de respeito ao outro que deveria ter o domínio da fala em um determinado momento da interlocução.	Fazer os/as alunos e alunas refletirem acerca de práticas que podem ser vistas como normais devido ao fato de serem constantes e recorrentes ou de não serem trabalhadas como essenciais para a boa convivência em sociedade, pois rever a questão dos assaltos aos turnos não deve ser de interesse apenas para a produção de gêneros orais formais públicos, mas para toda e qualquer situação comunicativa pelo simples fato de devermos ter respeito ao momento de fala de todos os participantes das interações.

Fonte: com adaptações, Ferreira (2014).

Como se vê, a proposta pode ser readaptável, a depender das necessidades da turma, pois conceitos como o de turnos, sobreposição de vozes e de assaltos ao turno, geralmente minorizados em aulas de língua portuguesa, mas muito utilizados no dia a dia, podem ser didatizados e aplicados à vida desses discentes, contribuindo também para o ensino da oralidade em sala de aula.

É preciso considerar também a produtividade quanto à realização de debates em sala de aula, o seu potencial para desenvolver a argumentação e conseqüentemente a criticidade e a capacidade de persuasão dos envolvidos. Além disso, devemos considerar também o planejamento, que é ponto crucial para a produção textual e de categorias da oralidade como troca de turnos, que foi o foco dessa proposta, mas também de marcadores conversacionais e/ou discursivos, da centração, da retomada e da mudança de tópico discursivo para alcançar propósitos na produção do gênero em questão.

CONSIDERAÇÕES (SEMI)FINAIS

Neste artigo, nosso objetivo foi mostrar como as sobreposições podem ser configuradas em níveis de complexificação na interação, ou seja, quanto mais se sobrepõem, mais graves e mais prejudiciais serão para uma comunicação eficaz. Os nossos dados comprovam que as sobreposições em nível inicial são breves, mesmo ocorrendo sem um LRT; as tomadas de turno, nesse caso, não se configuram como assalto ao turno.

As sobreposições do nível intermediário podem ser breves e/ou longas, mas são vistas como assaltos, uma vez que ocorrem sem um LRT e podem causar rupturas breves do raciocínio do participante da conversa. As sobreposições do nível avançado, as que compreendem o mais alto nível das sobreposições, são as que também ocorrem sem um LRT e denominamos como extremamente indevidas para o discurso, justamente por serem longas e causarem rupturas bruscas no raciocínio de quem deveria ter o domínio da fala durante o processamento de construção de sentido do texto oral. A proposta de ensino mostra que é importante e possível trabalhar os assaltos ao turno em sala de aula, tendo o turno conversacional como categoria para ensinar a oralidade.

O gênero escolhido nesta pesquisa foi o debate regrado, e os turnos compreendem uma das categorias que podemos abordar neste gênero, pois, a partir do momento em que ensinamos como essa categoria pode ser utilizada positivamente, teremos a possibilidade de fazer com que nossos alunos sejam instrumentalizados para agir por meio da fala mais diversas situações em que eles tenham de agir comunicativamente por meio de algum gênero oral, principalmente os formais e públicos.

A prática dessa categoria, assim como dos recursos que englobam a noção de tomada ao turno, podem fazer a diferença na vida de uma pessoa que tenha de produzir ou assistir a um debate regrado, pois as estratégias poderão ser utilizadas e observadas por quem produz e por quem assiste. Com isso, teremos também a possibilidade de fazer com que esses alunos se utilizem desses recursos a seu favor e que percebam as intenções dos debatedores ao recorrerem a determinados recursos orais na interação, pois nada na fala e na escrita deve ser utilizado por acaso. Esse também deve ser um dos propósitos das aulas de língua ao trabalharmos os usos sociais da fala e da escuta com o objetivo de desenvolver a oralidade dos discentes.

Em tempos de *fake news*, negacionismo científico, profunda polarização política e avanço de pautas e práticas mais retrógradas na sociedade, como o machismo, é importante que temáticas como essa sejam discutidas e alavancadas não só na academia, mas sobretudo na escola. Brizola e Maluf, nos fins dos anos 1980, foram apenas um exemplo de como os assaltos a turnos podem ser prejudiciais, mas não param por aí. Essa discussão deve ser aprofundada para os estudos críticos, uma vez que, em determinados contextos, a sobreposição de nível avançado pode aflorar casos de *mainterrupting*¹⁰, como o sofrido pela então candidata presidencial Manuela D'Ávila, em 2018¹¹, quando foi interrompida mais de sessenta vezes numa entrevista para o programa *Roda Viva*. Mas aí é assunto para outro momento.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Benedito G. *O gênero como ele é (e como não é)*. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

BRASIL. *Base nacional comum curricular: ensino médio*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2017.

CRUZ, Fernanda M. da; OSTERMANN, Ana Cristina; ANDRADE, Daniela N. P.; FREZZA, Minéia. O trabalho técnico-metodológico e analítico com dados interacionais audiovisuais: a disponibilidade de recursos multimodais nas interações. *DELTA*, São Paulo, SP, p. v. 35, n. 4, p. 1-36, 2019.

FERREIRA, Elaine C. F. *A oralidade como objeto de ensino: por uma perspectiva de desenvolvimento da língua oral a partir do gênero debate*. 2014. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FORTE-FERREIRA, Elaine C.; SOARES, Juliana G.; LIMA-NETO, Vicente. A influência de elementos cinésicos no gênero debate político: aspectos da multimodalidade na argumentação. *Revista da ABRALIN*, Aracaju, SE, v. 20, n. 3, p. 1550-1570, 2022.

¹⁰ *Mainterrupting* ocorre quando homens interrompem falas de mulheres, levando-as a perder o raciocínio. É um caso de sobreposição de nível avançado.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bjiup7kdfJQ>. Acesso em: 4 mar. 2022.

- FRAZÃO, Elisiane A. S.; LIMA, Veruluce S. Análise da conversação no Brasil: os desdobramentos de um campo de formação multidisciplinar. *Entrepalavras*, Fortaleza, CE, v. 7, n. 2, p. 622-637, ago./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.2.622-637>
- FREITAG, Raquel M. K.; SANTANA, Rebeca R. Assalto ao turno em interações assimétricas de gênero: disputa e cooperação. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, DF, v. 20, n. 1, p. 53-65, 2019. DOI: 10.26512/les.v20i1.11254.
- GALEMBECK, Paulo T. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Angela C. de S.; SANTANA, Ieda M.; GOLDSTEIN, Norma S. (org.). In: SEMINÁRIO DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA, 1., São Pulo, SP. *Anais [...]*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999. p. 109-119.
- GARCEZ, Pedro M. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, Letícia L.; JUNG, Neiva M. (ed.). *Fala-em-interação social: uma introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.
- JANSON, Tore. Línguas ágrafas. In: JANSON, Tore. *A história das línguas: uma introdução*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 14-35.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- LEITE, Marli Q.; NEGREIROS, Gil. Análise da conversação no Brasil: rumos e perspectivas. In: GONÇALVES, Adair V.; GÓIS, Marcos L. S. (org.). *Ciências da linguagem: o fazer científico*. Campinas: Mercado das Letras, 2014. p. 105-135.
- MARCUSHI, Luiz A. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).
- MAREGA, Larissa M. P.; JUNG, Neiva M. A sobreposição de falas na conversa cotidiana: disputa pela palavra? *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 1, p. 321-337, 2011.
- OSTERMANN, Ana Cristina; PEROBELLI, Roberto. Novos estudos do letramento e análise da conversa: o ajuste ao interlocutor em práticas de Letramento em Saúde. *Revista da Anpoll*, Brasília, DF, v. 1, n. 49, p. 142-157, 2019. ISSN 1982-7830 versão *online*.
- PRETI, Dino F. (org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, MG, v. 7, n. 1/2, p. 9-73, Jan./Dec. 2003.
- 3º ENCONTRO dos presidenciáveis (Rede Bandeirantes 16/10/1989). [S. l.: s. n.], 1989. 1 vídeo (2h59min.:23). Publicado pelo Canal VJR Eleições. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ME42kd-2wOE&t=3052s>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino F. (org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 81-102.
- VOLÓCHINOV, Vladimir. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.